

Literatura e formação do pedagogo: caminhos que (ainda) não se cruzam

Diana Maria Leite Lopes Saldanha*

Marly Amarilha**

Resumo

Este artigo apresenta investigação sobre o ensino de literatura nos cursos de Pedagogia do Brasil. Toma como *corpus* os Projetos Pedagógicos, as Estruturas Curriculares de Cursos de Pedagogia de universidades federais. Provém de uma pesquisa de doutorado em Educação que se realiza na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Adota a abordagem de investigação qualitativa descritiva. Selecionaram-se 27 universidades federais, uma para cada estado da federação, e foi feito um levantamento das disciplinas de literatura ofertadas no Curso de Pedagogia presencial. Considera que a literatura é fundamental para a formação humana e essencial para a formação do pedagogo. Dados iniciais indicam a ausência da literatura nos cursos de formação do pedagogo.

Palavras-chave: Literatura. Formação Humana. Pedagogia.

Considerações Iniciais

As discussões acerca da leitura de literatura é tema recorrente no âmbito educacional. Essas discussões são pertinentes, tendo em vista a complexidade do processo de ler como uma prática que possibilita a construção humana e a interação entre povos de diferentes origens.

A literatura tem se constituído em criação indispensável para a sociedade,

* Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mestra em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação – POSEDUC/UERN. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal – RN. Bolsista CNPq. Email: dianalsaldanha@yahoo.com.br

** Professora Titular no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-Brasil. Ph.D. em Literatura pelo King's College London-University of London. Autora de vários livros e artigos em periódicos internacionais. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

Data de submissão: set. 2016 – Data de aceite: dez. 2016

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v12i2.6389>

considerando-se sua especificidade no tratamento do destino humano e sua relação com a linguagem, seus contextos social, político e cultural. Como assinala Sartre (2006, p.118), “[...] o tema da literatura sempre foi o homem no mundo”.

Acompanhamos, ao longo de anos, na escolarização da literatura, seu uso como suporte pedagógico para o ensino da língua materna ou das escolas literárias. Ou seja, a literatura não é utilizada em seu estatuto humanístico, mas está presa a uma abordagem funcional para atender a objetivos pragmáticos, perdendo sua relevância para a formação do sujeito.

Esse diagnóstico gerou uma curiosidade epistemológica. Decidimos, então, investigar o ensino de literatura na formação inicial dos futuros professores da Educação Básica, especificamente, dos pedagogos. Na Resolução do Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno, CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2005, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, constatamos que sua estrutura deverá contemplar consistente formação teórica, diversidade de conhecimento e de práticas que se articulem ao longo da graduação. Entretanto, esse documento silencia sobre a literatura. Essa situação é crítica à medida que é preciso prover os primeiros professores do sistema escolar de fundamentação teórico-metodológica para melhor entenderem e desenvolverem suas práticas de ensino de leitura, sobretudo, de literatura, discurso funda-

mental na construção da linguagem e da identidade humana.

Do vazio constatado, indagamos: que saberes de literatura o graduando vai apreender, construir se o curso não oferece disciplinas que contribuam para essa formação?

Os estudos sobre o ensino de literatura desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa *Ensino e Linguagem* (CNPq/UFRN) do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, têm ratificado a fragilidade na formação de professores para inserir a literatura nas salas de aula e desenvolver um trabalho que contribua para a formação do leitor. Nesse sentido, Amarilha (2012) argumenta que existe despreparo dos educadores como leitores e formadores de leitores, dada a precária relação que eles mantêm com o texto literário, levando-nos a crer que os educadores não se reconhecem como formadores e pouco utilizam o texto de literatura em sala de aula, impedindo o encontro das crianças com o prazer, o simbólico, a linguagem lúdica, o saber e o conhecimento de mundo que a literatura propicia. Para desvendar as tramas dessa problemática, julgamos relevante analisarmos os currículos de Pedagogia das universidades federais, no sentido de compreendermos os porquês da ausência de literatura na formação dos pedagogos.

Um olhar sobre a literatura

Segundo Eco (2003), estamos cercados de poderes imateriais que influenciam nossa vida e têm algum significado. Dentre vários poderes, o autor cita a literatura como um desses e a conceitua como um conjunto de textos que a humanidade produz para fins não práticos. São textos que se leem por prazer, elevação espiritual, ampliação dos próprios conhecimentos e até por passatempo. O autor é bastante enfático ao destacar a literatura como um poder imaterial e defende que só o fato de esta servir para deleite já seria suficiente para a formação do homem. Para Eco (2003, p. 10-11), a literatura assume algumas funções em nossa vida individual e social, pois “a literatura mantém em exercício, antes de tudo, a língua como patrimônio coletivo; a língua vai para onde ela quer, mas é sensível às sugestões da literatura; a literatura, contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade.” O autor explica a influência que a literatura tem para formar a língua individual e coletiva, singular e plural e permitir o trânsito entre diferentes espaços, ao exercitar sua natureza dialógica.

Outra função da literatura, citada pelo autor, diz respeito à leitura da literatura que “nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação.” (ECO, 2003, p. 12). Essa advertência é justa, visto que o texto literário é uma estrutura que possibilita

o trânsito do leitor por suas entrelinhas. A leitura do texto literário coloca o leitor em contato com diversas sensações, provoca reações e experiências múltiplas. Esse processo promove uma troca de impressões e de sentidos acerca do texto, já que pode desencadear lembranças e vivências de acontecimentos cotidianos, bem como suscitar a especulação imaginativa. Esse intercâmbio do leitor com o texto carrega marcas de subjetividade que escapam ao controle de quem produziu o texto, daí o alerta sobre o respeito à liberdade do leitor.

É importante, assim, que na formação do leitor literário o espaço da liberdade, da espontaneidade e da inventividade, que são inerentes aos indivíduos, seja preservado. Para Pound (2013, p. 35), “A literatura é linguagem carregada de significado”, ao dinamizar essa bagagem textual pela leitura, o leitor não apreende somente o que é exposto pelo texto, o que está previamente definido, mas, de fato, interage com seu repertório. Nessa dinâmica, o leitor também constrói novos sentidos, que podem ser acrescentados à linguagem. Portanto, as qualidades comunicativas da literatura convocam, permanentemente, o protagonismo do leitor que atua articulando uma rede de questões afeitas à condição humana, sejam sociais, individuais. Por meio desse estatuto comunicativo, a literatura apresenta, refuta, indaga, confirma, dialoga com crenças e valores preconcebidos por gerações pretéritas e permite o vislumbra-mento de outros horizontes.

Podemos acrescentar que a literatura é um evento da fala e do texto que exige uma leitura comprometida, no sentido de que o leitor deve assumir sua condição de coautor, o que o conduz a colaborar na significação do que lê a partir de seu contexto. Essa participação é indispensável para que a obra se realize (ISER, 1991), bem como sua formação humana, porque o leva a transcender a natureza cotidiana das atividades e o transporta ao plano do simbólico em sua mais profunda complexidade.

A literatura surge como manifestação universal de todas as culturas, em todos os tempos. Ela possibilita que a humanidade acompanhe sua história, suas lutas, seus amores e dissabores. Candido (2011) assinala que não é possível haver equilíbrio social sem a literatura e, por isso, ela é fator indispensável de humanização. A literatura é um bem cultural que ultrapassa os limites temporais, que carrega a vida vivida por nossos antepassados, registra e preserva a memória histórica e possibilita entender nosso presente.

A literatura e a formação humana

Entendemos que a literatura é intrínseca à formação humana; nesse sentido, o acesso ao texto literário dignifica o leitor e permite o contato com o belo, o feio, o prazer, a frustração, o dissabor, o riso. Além disso, consente se acercar do conhecimento histórico e cultural das gerações anteriores.

Yunes (2010) destaca que sem a leitura não sobrevivemos, lemos tudo constantemente, bem ou mal, com ou sem preconceito. A leitura literária expressa características especificamente humanas: desejos, sonhos, aspirações, idealizações, medos, perdas, conflitos. A literatura possibilita ao leitor vivenciar experiências diversas, conhecer vários lugares, entender a si mesmo e o outro, pois “A literatura faz com que o leitor não se sinta um receptor passivo, mas seja partícipe da aventura de viver e de criar, co-inventor de seu mundo e co-narrador da história.” (YUNES, 2010, p. 61). A leitura da literatura proporciona a liberdade, o diálogo com a palavra que se transforma e ganha novos sentidos, construídos pelo leitor que vai além do que o autor escreveu. Para Yunes (2010), além das leituras cotidianas e necessárias à sobrevivência em uma sociedade urbana, motorizada, na qual as pessoas buscam agitação, prazeres efêmeros, o aparecimento na mídia e o consumo exacerbado, é preciso buscar a literatura.

Azevedo (2004) acrescenta que temas que não dispõem dos assuntos humanos relevantes em livros didáticos, devido à sua complexidade, são trazidos naturalmente pela literatura. O texto literário traz assuntos que permeiam as relações sociais e que são tratados com indiferença em outros meios. Ao falarmos em des-caso, lembramo-nos do conto *O Grande Passeio* (1998), de Clarice Lispector, que aborda um dos temas discutidos na contemporaneidade: o desrespeito com

o idoso e a velhice. O conto apresenta a história de uma idosa chamada Mocinha (ou Margarida) que perde o esposo e filhos; sozinha, ela é trazida por uma boa moça para o Rio de Janeiro, que, no entanto, a abandona. Mocinha passa a viver de favor na casa de uma família desconhecida até que sua presença se torna um peso. Por ser indesejável, essa família resolve abandoná-la na casa de parentes que moram distantes. Ao chegar ao novo lar, a esperança de uma vida melhor se desfaz, novamente, a dona da casa não oferece à velha água nem café, pelo contrário, ignora totalmente sua presença. O esposo tem um comportamento semelhante, dá dinheiro para a senhora e a manda ir embora; vejamos o trecho:

Não pode ser não, aqui não tem lugar não.
E como a velha não protestasse e continuasse a sorrir, ele falou mais alto:
Não tem lugar não, ouviu?
Mas Mocinha continuava sentada.
[...]

E agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? Volta para casa de minha mãe, chega lá e diz: a casa de Arnaldo não é asilo, viu? Aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu!

Mocinha pegou o dinheiro e dirigiu-se a porta. Quando Arnaldo já ia se sentar para comer, Mocinha reapareceu:
Obrigada, Deus lhe ajude. (LISPECTOR, 1998, p. 36-37).

O conto explicita nitidamente as relações pessoais que estabelecemos com o outro, particularmente, com o idoso. Conviver com o idoso intimamente acentua a ideia de que a juventude não

prevalece para sempre, que vamos precisar de auxílio de alguém, que estamos nos aproximando da morte, situações bastante desconfortáveis e, para alguns, o melhor é se afastar desse fato. Mocinha é jogada de um lado para outro e, após conquistar sua *liberdade*, cansada e com fome, não sobrevive,

Saciada, espantada, continuou a passear com os olhos mais abertos, em atenção às voltas violentas que a água pesada dava no estômago, acordando pequenos reflexos pelo resto do corpo como luzes.

A estrada subia muito [...] Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu. (LISPECTOR, 1998, p. 37-38).

Nesse conto, Clarice Lispector (1998) aponta nitidamente as questões acerca das relações pessoais, os valores humanos, como compaixão, solidariedade, respeito e individualismo. Publicado em 1971, *O Grande Passeio* possivelmente foi escrito na década de 30 para 40. Esse fato elucida que a literatura é atemporal, traz situações e vivências que se repetem; nesse caso, traz uma personagem que representa milhares de Margaridas em situações de abandono, fuga, humilhação, medo, desprezo, desânimo e atitudes que sempre estão presentes em nosso cotidiano.

Presenciamos, constantemente, idosos serem tratados com indiferença e desrespeito, levados para asilos e outras

instituições, porque não têm alguém para cuidar deles, quando pelo contrário, deveriam gozar de dias melhores, pois contribuíram com a família e com a sociedade.

Esse tema tem sido discutido por grupos sociais e pelos direitos humanos. Temos a instituição do Estatuto do Idoso (2003), que dispõe sobre os direitos dos idosos, mas, acompanhamos, frequentemente, situações e cenas que contradizem esse direito, que revelam os maus tratos, o desrespeito e a indiferença com aqueles que carregam a experiência e sabedoria de uma vida inteira. A história de Mocinha confunde-se com a história de muitos idosos, pois a solidão que a cerca é o mesmo isolamento dado aos que nos deram ensinamentos e cuidados no decurso da vida. A frieza demonstrada pelas famílias reflete a falta de amor, o individualismo e egoísmo aos quais nos agarramos. A senhora frágil, insignificante, boba e abandonada é a mesma que a lei da vida vai fazer aflorar em cada um de nós. Essas interpretações são possíveis porque a literatura é o discurso da vida humana em todas as suas dimensões, pois simboliza

[...] as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (não me refiro à educação sexual, mas à relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelheci-

mento e suas implicações); as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto etc. (AZEVEDO, 2004, p. 4).

O autor acrescenta que existe uma diferença primordial entre o livro literário e o livro pedagógico. A literatura apresenta ao leitor seres humanos fictícios, complexos e paradoxais, o que propicia o envolvimento com o texto e possibilita um processo de transformação e construção de significados para a vida do indivíduo. Os livros didáticos trazem textos literários, mas geralmente não aproveitam seu valor estético e humanizador, atêm-se a trabalhar com personagens previsíveis, idealizados e abstratos, impedem o envolvimento com o texto, limitando-se a interpretações vagas e mecânicas. Amarilha (2010, p. 97) aprofunda essa visão ao postular que “A literatura [...] efetivamente traz as cores e as vozes que estão obliteradas nos textos higienizados e pragmáticos dos manuais.” O texto literário quebra a falsa harmonia, muitas vezes, camuflada na sociedade, para dar lugar ao questionamento, ao desequilíbrio e à transformação.

Para Sartre (2006), o mundo que o escritor apresenta ao leitor é comum a ambos; entretanto, cabe ao leitor realizar sua libertação concreta, mudar ou conservar o que está posto. Esse autor explica que cada livro propõe essa liberdade para o leitor, uma liberdade que é aos poucos conquistada, experimentada pelo leitor, ou seja,

A leitura é um exercício de generosidade; e aquilo que o escritor pede ao leitor não é a aplicação de uma liberdade abstrata, mas a doação de toda sua pessoa, com suas paixões, suas prevenções, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores. Somente essa pessoa se entregará com generosidade; a liberdade a atravessa de lado a lado e vem transformar as massas obscuras da sua sensibilidade. (SARTRE, 2006, p. 42).

A literatura convida o leitor a mergulhar no seu universo peculiar e ao mesmo tempo entrar em contato com o seu contexto, seus conhecimentos, suas vivências. Dessa forma, o ser humano conquista sua liberdade e vive, experimenta, transforma o que está no texto e areja sua visão de mundo.

A literatura é um direito humano, é cultura

A discussão acerca dos direitos humanos recebe notoriedade e força na sociedade contemporânea devido às conquistas realizadas por diferentes grupos socioculturais que ganham maior espaço nos fóruns públicos. O debate apresenta múltiplas facetas e diferentes vozes apontam marginalizações, injustiças, desigualdades, discriminações e reivindicam a igualdade de direitos, o reconhecimento de todo cidadão.

Nesse movimento, a educação assume posição de destaque na luta pela efetivação dos direitos humanos fundamentais. Percebemos a necessidade da incorporação de conteúdos e conhecimentos que valorizem a diversidade cultural e as diferentes visões de mundo de forma

democrática e equitativa. Daí, entendermos que a literatura cumpre importante função para consolidar uma proposta que contemple a diversidade cultural e as diferentes relações sociais.

A inserção da literatura nos currículos escolares se justifica por se tratar de um bem cultural e um direito de todos. A literatura traduz o pensamento humano de cada época e contribui para a cidadania, constitui-se em conhecimento indispensável para uma formação humana. Por meio da literatura, o sujeito tem oportunidade de vivenciar as mais diversas experiências. Ao interagir com o texto literário, o sujeito leitor se insere em um contexto sociocultural, com conhecimentos formados da interação com outros e passa a conquistar novos conhecimentos, interpretá-los, atribuir sentidos ao que lê e construir novas leituras.

Candido (2002) destaca que a literatura possibilita ao leitor o conhecimento de mundo,

A obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele. (CANDIDO, 2002, p. 85).

De onde se infere que o texto literário contribui para o indivíduo conhecer a realidade e lhe dá a oportunidade para questionar, amadurecer, desenvolver a capacidade cognitiva, formular ideias, modificar conceitos e conceber novos, com diferentes visões de mundo.

Sobre esse assunto, Candido (2002) traz exemplos da representação do regionalismo brasileiro em diferentes momentos na literatura. Por meio de obras regionalistas, discutem-se temáticas sociais, que possibilitam críticas diante de realidades que perpassam tempo e espaço. Tomemos o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1938), que focaliza aspectos do nordeste do Brasil, como a seca, a exploração e o coronelismo. A narrativa denuncia mazelas sociais e proporciona uma visão crítica da sociedade brasileira em diversos aspectos. O romance traz o fenômeno natural da seca, que castiga milhares de nordestinos obrigados a migrarem para outras terras em busca de trabalho e sustento.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos da caatinga rala. (RAMOS, 1981, p. 9).

A narrativa apresenta a vegetação predominante em uma região em que, além de chover pouco, chove de forma irregular; mostra a devastação causada pelo fenômeno da *seca*, que atinge o nordeste. À chuva escassa soma-se a falta de políticas sociais que minimizem os estragos que esse fenômeno causa. As personagens aparecem em condições sub-humanas, à procura de um lugar melhor para viver, de uma vida mais digna, o que os impulsiona na caminhada.

O romance *Vidas Secas* (1981) explicita a exploração política da época. Fabiano e sua família são oprimidos pelo ambiente natural, mas esse não é o único problema, a opressão representada pelo patrão mostra o abuso de poder que caracteriza o coronelismo,

[...] o patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (RAMOS, 1981, p. 22-23).

Essa dimensão social de exploração e do despotismo político também aparece na representação do Estado através do Soldado Amarelo,

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu no ombro de Fabiano: _ Como é camarada? Vamos jogar na trinta e um lá dentro? [...] Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (RAMOS, 1981, p. 27).

A situação de humilhação e desrespeito imposta a Fabiano desvela o despotismo característico do governo da época que se manifestava injustamente como forma de assegurar o controle do Estado. Fabiano representa uma sociedade coagida pela violência simbólica, que se acostumou com a injustiça, com a marginalização e com a exploração,

Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: - Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita. (RAMOS, 1981, p. 33).

A narrativa apresenta os desejos de Fabiano e da família; ele deseja uma linguagem rebuscada que facilitasse sua comunicação com os outros e um futuro melhor. Sinhá Vitória aspira uma cama de couro, na qual possa deitar e não sentir dor, simbolizando dias melhores e o fim da vida nômade. A mulher agarra-se aos sonhos e projeta um futuro com otimismo e esperança,

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para a cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles. (RAMOS, 1981, p. 126).

Ao longo da narrativa, Graciliano Ramos expõe que os seres humanos são capazes de mudar, de se transformar, de lutar pelo que desejam. Fabiano, que oscila entre a condição de homem e de animal, passa a sonhar, a se desprender da animalização imposta pela opressão. Sinhá Vitória demonstra a inconformidade com a vida que tem e sonha com a vida que quer, sempre querendo conquistar o que deseja.

Vidas Secas denuncia a exploração do trabalhador pelos donos de fazendas e a negação dos direitos básicos como moradia, saúde, educação, lazer. É o

memorial de uma sociedade que denigre a imagem do ser humano e o condiciona a circunstâncias miseráveis.

O fenômeno da seca e de suas mazelas é também evidenciado no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, escrito entre 1954 e 1955. Nele o retirante Severino sai do sertão nordestino para o litoral, trajetória marcada pela morte, desespero, fome e miséria, “Dize que levas somente coisas do não: fome, sede, privação.” (MELO NETO, 1994, p. 35). O poema dialoga com Vidas Secas, ao trazer o drama da seca, das circunstâncias miseráveis que vivem milhares de nordestinos e ao reportar uma crítica ao descaso dos governantes para com essa região.

Essas duas obras mostram que a literatura possibilita ao leitor conhecer o mundo, em diferentes épocas e compará-lo com sua realidade. Por meio do abstrato da linguagem, o leitor é levado à dolorosa concretude do real e sai da experiência com visão mais aguçada, mais sensível. Esse exercício de desfamiliarizar-se com o cotidiano contribui para o homem desenvolver sua criticidade e sua consciência e, assim, terá condições de perceber as diferenças estabelecidas na sociedade, atuar em busca das mudanças sociais e dos direitos humanos.

A leitura dessas obras fortalece o argumento de Candido quando diz que não tem como haver equilíbrio social sem a literatura e, por isso, ela é fator indispensável de humanização. Para o crítico,

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmacaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2011, p. 188).

Outra dimensão a ser destacada é que a literatura é um bem cultural que ultrapassa os limites temporais, que carrega a vida vivida por nossos antepassados, registra e preserva a memória histórica e esta possibilita entender nosso presente. Conforme Amarilha (2012, p. 77),

É na literatura que nossa memória está melhor preservada porque, lá, os fatos da realidade associados à imaginação têm sangue, suor, emoção e, assim, é através dela que podemos observar em retrospectiva a trajetória da vida como múltipla e plena de virtualidades inesperadas. As muitas situações pelas quais passa um personagem, as decisões que toma e aquelas que não toma nos dão essa dimensão memorialista da realidade que se viveu e que se poderia ter vivido. A memória situa-nos do ponto de vista tanto da história social quanto individual, somos marcados por acontecimentos que tiveram impacto e eloquência para que deles nos lembrássemos. O historiador registra o que socialmente julga de maior força, o escritor registra aquilo que a si mais impressiona.

A autora acrescenta que a literatura nos permite sentir parte de um grupo social maior. Mesmo que estejamos solitários, o texto literário nos mostra um enraizamento com outros seres, pessoas

que vivenciaram o que estamos vivendo, sentiram o que estamos sentindo, porque sempre existem personagens com os quais nos identificamos.

À luz dessas ideias, considerando que a literatura contribui para o conhecimento de mundo e considerando ainda que é um bem cultural, defendemos que ela é também um bem necessário ao ser humano. De acordo com Candido (2011), existem bens compressíveis: como os cosméticos, os enfeites, roupas supérfluas; bens incompressíveis, que não podem ser negados a ninguém, como alimento, casa, roupa. O autor traz uma discussão bastante pertinente quando enfatiza que a distinção desses bens está relacionada à concepção de cada um e propõe que

[...] são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestiário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência a opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2011, p. 176).

Como Candido (2011), entendemos que a literatura é um bem incompressível, porque portadora de valores necessários ao desenvolvimento integral do ser humano, à sua dimensão simbólica, estética, afetiva. Dessa filiação epistêmica, ressaltamos que é preciso criar meios, para que a produção literária circule entre os diferentes grupos sociais e as diferentes gerações, pois todos têm direito à literatura.

Educação, literatura e formação de professores

Nas discussões sobre direitos humanos e cidadania, a educação permanece em destaque no sentido de possibilitar o desenvolvimento do ser humano, a construção de conhecimentos, a criticidade. O direito à educação está relacionado à condição de dignidade dos homens, é requisito para a consolidação da cidadania.

De acordo com Souza (2010), todos os países no mundo garantem em seus textos legais o acesso de seus cidadãos à educação básica. Esse fato se dá porque

a educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, e tal princípio é indispensável para políticas que visem à participação de todos nos espaços sociais e políticos e à (re)inserção no mundo profissional. (SOUZA, 2010, p. 159).

A educação formal, vista dessa forma, requer mudanças em suas instituições e currículos, considerando que em uma perspectiva intercultural esta deve promover o reconhecimento do outro, o diálogo entre diferentes grupos socioculturais,

É importante promover processos educacionais que nos possibilitem identificar e desconstruir nossas suposições, em geral implícitas, que não nos permitem uma aproximação aberta da realidade dos outros. (CANDAU, 2012, p. 73).

Candau (2012) destaca que a escola se constitui palco de manifestações de diversos tipos de preconceitos e discriminações que, no entanto, são ignorados por fazer da cultura escolar padronizada o conceito de que “somos todos iguais”.

Nesse cindir de percepções, a presença da literatura na escola abre a possibilidade para a discussão dos direitos humanos, do reconhecimento das diferenças, do entendimento de uma sociedade diversificada e de suas contradições. Em decorrência, podemos afirmar que a literatura é necessária e crucial para a formação humana, dada a sua abrangência e completude. Urge, portanto, a necessidade de a literatura ser inserida na escola, na universidade e na formação docente. Todavia, para que ela cumpra seu papel humanizador, é preciso mudar sua forma de escolarização, pois

Uma educação para a leitura literária deve pressupor uma educação para a mudança de percepção sobre o mundo factual e sobre a própria linguagem. Essa é uma problemática da escola que usa a literatura, mas faz, de fato, pouco proveito de seu potencial comunicativo e transformador. (AMARILHA, 2013, p. 79).

Constatamos em estudos na área (AMARILHA, 2012; GERALDI, 2006; LAJOLO, 1993) que a literatura permanece sendo trabalhada de forma aleatória, mecânica. Muitas vezes, tem sido utilizada como suporte pedagógico para o ensino da língua materna, para o estudo da gramática ou das escolas literárias. Nas palavras de Amarilha (2012, p. 26), “a presença da literatura na escola é vaga, difusa, assistemática.”. O texto literário é dissecado para dar visibilidade a conteúdos, para manter o silêncio, para preencher o tempo da aula. De acordo com pesquisas realizadas por Amarilha (2012), muitos professores não consideram a literatura como con-

teúdo ou atividade significativa para ser trabalhada em sala de aula, ela é usada para acalmar as crianças quando estão inquietas, para manter a serenidade e disciplina na sala, ou seja, “ela é, de fato, utilitária, é instrumento de controle sobre a criança.” (AMARILHA, 2012, p. 17).

Via de regra, a literatura não ocupa espaço escolar como disciplina que faça parte do currículo. Quando aparece, está presa a exigências funcionais, perdendo sua importância como formação integral do sujeito, esquecendo-se de que

o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2000, p. 106).

Lajolo (2000) assinala que a literatura como linguagem traduz simbolicamente os valores, comportamentos, impasses, desejos, utopias dos povos que vivem em sociedade e cada um vai entrelaçando o significado que dá à sua leitura com os vários significados que vai construindo durante a história de um texto.

Diante da importância já enunciada da literatura, a escola precisa acolher e cultivar a presença da literatura como forma de inclusão do estudante no mundo da linguagem simbólica, pois o texto literário permite ao leitor a transcendência do real e ao seu retorno expandido por novos horizontes.

Sabemos que o professor terá a relevante atribuição de trabalhar a literatura em sala de aula, de aproximar o texto

do leitor e do livro. Para isso, precisa de um repertório de leitura de literatura e uma formação teórico-metodológica que lhe dê suporte para desenvolver esse trabalho.

Essa comprovação soa como um problema a ser enfrentado, discutido e solucionado. Falamos com propriedade daquilo que sabemos, que vivenciamos, de que temos experiências. Entretanto, falar de literatura sem gostar se torna desestimulante, perde-se o encanto, pois

É difícil falar de prazer para quem nunca o experimentou. No entanto, entendo que mais difícil ainda é ensinar a encontrar prazer no texto quando nós mesmos não nos deparamos com esse momento. (AMARILHA, 2012, p. 25).

Resta-nos o desafio de convidar o professor a ler, a abrir-se para a literatura e, nesse encontro com o literário, tornar-se alguém que apresenta esse universo para seus aprendizes.

Para realizar esse trabalho iniciático, o professor precisa ter um repertório de leitura, ou seja, um estoque de histórias e poemas que lhe oportunize expandir a visão do aprendiz sobre determinada temática. O repertório de leitura propicia uma ação consciente, independente dos manuais didáticos. Entendemos

[...] como fundamental que o professor de literatura seja um leitor permanente, não só porque gosta de ler, esse me parece um pressuposto primário, mas que seja um colecionador de histórias e poemas como saber necessário ao seu fazer pedagógico, para exercê-lo com reflexão e criatividade. (AMARILHA, 2010, p. 90).

Nessa condição, o professor leitor tem os meios para familiarizar as novas gerações com as histórias do seu país, do seu povo, dos seus autores, dos seus personagens. O docente que inova traz, por meio das histórias, conhecimentos que interessam aos discentes, que falam da sua vida, de outras culturas, fortalecendo a experiência sobre o mundo e sobre o outro.

A leitura é intrínseca à vida pessoal e profissional do professor, é ferramenta principal de seu trabalho e oportuniza uma formação contínua em uma perspectiva transformadora do ensino, de tal modo, concebemos que a utilização do texto literário pelo professor deve ser prática permanente. A propósito, Silva (2009) chama atenção para a evidência de que as lacunas deixadas na formação do professor leitor repercutirão no seu fazer pedagógico como formador de leitores, pois, efetivamente, os resultados serão insatisfatórios.

Sentimos a necessidade de repensar a formação de professores e direcionar melhor o foco voltado à leitura e à literatura, pois somente um professor leitor de vários textos e que goste de ler terá condição de desenvolver sua prática pautada em uma concepção transformadora de ensino que seja capaz de propiciar o pensar, refletir e agir sobre a realidade.

A formação de professores não ocorre separada da formação pessoal, não está separada de seu contexto, de suas vivências; ao contrário, é permeada pelas mudanças sociais, históricas e culturais.

O professor é agente mediador que pode contribuir para transformações educacionais e desenvolvimento de práticas que possibilitem essas mudanças na sala de aula. Partindo dessa perspectiva sobre a formação de professores, sentimos a necessidade de incluir um lugar especial para a leitura de literatura.

Quando falamos em formação de professores, nossa preocupação recai na formação de pedagogos, porque os graduandos de Pedagogia são os responsáveis na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na alfabetização de Jovens e Adultos por mediar o acesso à linguagem verbal, também no seu exercício como supervisor e coordenador da escola são responsáveis pelo planejamento das aulas com o professor. São os pedagogos que apresentam as primeiras narrativas, as poesias, a linguagem literária aos jovens leitores. Sobre esse tema, Amarilha (2013) argumenta que

é preciso que formação literária sofisticada seja favorecida aos primeiros professores de nossas crianças, aos graduados em Pedagogia, porque é deles a tarefa de mediar o rito iniciático ao mundo da palavra, do simbólico, das metáforas por que passam nossos aprendizes. (AMARILHA, 2013, p. 132).

A problemática, assim configurada, mostra que é preciso introduzir o ensino de literatura nos cursos de Pedagogia como forma de propiciar ao docente uma vivência teórica e prática sobre a linguagem literária, cujo intuito seja de contribuir para a formação dos futuros mediadores de leitura. Acreditamos que

um professor que conheça teoricamente a relevância da literatura para a formação humana e deguste o texto literário estará se habilitando para formar novos leitores de literatura.

Percursos metodológicos

Adotamos, neste estudo, a abordagem qualitativa, que dá ênfase à descrição, à indução, à teoria fundamentada e ao estudo das percepções pessoais (BOGDAN; BIKLEN, 1994), pois pretende descrever os fatos e fenômenos da realidade pesquisada (TRIVINOS, 2015). Assim, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica e documental. Para tanto, selecionamos como *corpus* 27 universidades federais, localizadas, prioritariamente, nas capitais do país, com exceção da Universidade Federal de Sergipe (UFS), localizada na cidade de São Cristóvão, SE, e da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), localizada na cidade de Guarulhos, SP, por serem esses os locais dos seus principais *campi*.

Dada a abrangência da pesquisa, utilizamos a internet como suporte técnico para a construção dos dados. No primeiro momento, fizemos uma busca dos Projetos Pedagógicos e Estruturas Curriculares dos cursos de Pedagogia das universidades pesquisadas para realizarmos um levantamento das disciplinas de literatura ofertadas no curso de graduação em Pedagogia. Em seguida, enviamos *e-mail* (conforme endereço no *site*) para secretaria e/ou coordenação

dos cursos de Pedagogia, requerendo os documentos que não estavam disponíveis no *site*.

Após o levantamento documental e análise preliminar, solicitamos também os planos de ensino de Literatura e Língua Portuguesa. Enviamos *e-mail* às secretarias dos cursos e aos professores responsáveis pelas disciplinas de interesse.

Considerando a dificuldade de contato com algumas universidades e incompletude de alguns dados, utilizamos o telefone e redes sociais para viabilizar as informações.

Resultados e análise dos dados

Para conhecermos a presença da literatura nos cursos de Pedagogia, fizemos um levantamento das disciplinas de literatura ofertadas no currículo do curso, das universidades que compõem o *corpus*. Dados iniciais indicam que a presença da literatura na formação dos pedagogos, nessas instituições, é ainda incipiente. De um total de 27 cursos, apenas 11, isto é, 41% apresentam a disciplina de literatura (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Oferta da disciplina Literatura



Fonte: Documentos da pesquisa (2014/2015/2016).

As informações contidas no Gráfico 1 indicam que o ensino de literatura ainda não se configura como necessidade básica, um bem cultural, um direito que deveria ser oferecido a todas as pessoas da sociedade; nas palavras de Candido (2011), como um bem incompressível, isto é, o que não pode ser negado a ninguém. Como podemos perceber, essas 11 universidades (41%), que oferecem a disciplina, não constituem nem a metade do *corpus* do estudo. Os dados construídos indicam a pouca presença da literatura na formação de professores. Assinalam sobre a precariedade da oferta, visto que aparece, muitas vezes, como disciplina optativa, na expectativa de assim com-

plementar os conhecimentos curriculares necessários ao graduando. Normalmente, a disciplina é ofertada dependendo da disponibilidade e interesse de algum professor, mesmo que seja do interesse do formando. Entraves do contexto institucional e burocrático para a definição da carga horária de professores tornam vulnerável a oferta da literatura.

Uma pergunta que surge é se disciplinas optativas são realmente ofertadas e com que frequência. Indagação que nos levou a buscar informações junto à coordenação dos cursos e a professores das disciplinas Literatura e Língua Portuguesa. Apresentamos exemplos dos resultados de como são oferecidas as disciplinas optativas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e na Universidade Federal da Bahia (UFBA), que são reiterados por outras universidades.

Na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a disciplina Literatura Infantil e Juvenil aparece como disciplina optativa do curso de Pedagogia, ofertada pelo Departamento de Letras Vernáculas, conforme estrutura curricular do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) (Quadro 1).

Quadro 1 – Disciplina Literatura Infantil ofertada no curso de Pedagogia da UFES

LET02894 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (60 h, OPT, T:60 E:0 L:0)

A questão do gênero. Literatura infantil e juvenil. Problemática de conceituação e historicidade do gênero. O sistema de produção-circulação-recepção. Literatura para crianças, jovens e ideologia. Modalidade de literatura infantil e juvenil: a narrativa e a lírica para crianças e jovens.

Fonte: PPC/UFES (2010).

Ao constataremos a oferta da disciplina, enviamos *e-mail* para a secretaria do curso, com intuito de esclarecermos como se dá a oferta da disciplina, recebemos *e-mail* do chefe do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais (DTEPE/ UFES) com a seguinte informação:

[...] a disciplina de Literatura Infantil é optativa para o curso de Pedagogia e é ofertada pelo Departamento de Letras. A oferta não tem sido regular, ocorrendo muito esporadicamente. Destaco, entretanto, uma demanda grande dos alunos pela sua oferta. Por acaso, tivemos uma professora substituta no meu Departamento que se dispôs a ofertá-la no semestre 2015-1, sendo muito elogiada pelos alunos. (EUGÊNIO, 2006).

De acordo com a mensagem, percebemos que a disciplina Literatura Infantil é de interesse dos alunos, existe uma demanda perceptível por esse componente curricular, contudo o departamento não o oferece regularmente. Sabemos que existe um conjunto de fatores que determinam quais conteúdos serão priorizados. Observamos que uma dificuldade para oferecer a disciplina recai na falta de professor para ministrá-la; a docente destinada a tal função não faz parte do quadro efetivo do departamento, situação que se repete em outras universidades pesquisadas. A procura pela disciplina, por parte dos alunos, é confirmada no discurso da professora citada:

Gostaria de esclarecer, de antemão, sobre a minha situação na Universidade Federal do Espírito Santo. Fui inicialmente aprovada no concurso para professora substituta da Faculdade de Letras, em 2014. Como tam-

bém tenho especialização em Educação e porque houve uma demanda na Pedagogia, eu fui chamada para ministrar algumas disciplinas neste curso. Acabei oferecendo a disciplina de Literatura Infantil em um semestre. Muitos alunos solicitaram que eu continuasse a oferecer a optativa, inclusive que eu preparasse o módulo II para dar continuidade aos estudos. Mas havia outras disciplinas sem professor e eu, então, atendi à demanda na ocasião. (OLÍVIA, 2016).

Os discursos dos colaboradores da pesquisa deixam nítido que a Literatura é necessária ao curso de Pedagogia, sua ausência na estrutura curricular obrigatória e oferta esporádica nos levam a refletir sobre as escolhas dos conteúdos considerados relevantes para a formação do pedagogo. A lacuna deixada por esse componente curricular está explícita na confirmação de uma demanda existente, na solicitação dos alunos e na falta de professor para ministrá-lo. Situações como essas chamam a atenção para lembrarmos que o currículo não é um elemento neutro, mas social, cultural; é construído dentro de um contexto entrelaçado por questões e aspirações sociais, políticas e econômicas, garantindo os interesses de determinado grupo. Ocupar espaços no currículo é uma questão de poder. Os conhecimentos que são eleitos para integrar o currículo de um curso, de uma disciplina, traduzem os ideais de um grupo específico, que os consideram socialmente válidos. Silva (2014) explica que, ao selecionarmos o currículo que vai ser efetivado nas universidades e escolas, estamos construindo um modelo de homem, está relacionado ao que somos

e nos tornamos, à nossa identidade e subjetividade.

O ensino de literatura no caso específico da UFES apresenta-se como uma necessidade no currículo de Pedagogia, pois, não fazendo parte de sua estrutura curricular obrigatória, percorre outros caminhos para se consolidar em sala de aula. Ao contarmos uma das professoras da disciplina Português, tivemos a seguinte informação,

Quanto à disciplina Português: conteúdo e metodologia, é oferecida semestralmente [...] acrescento uma informação que talvez seja interessante: além de Literatura Infantil e Juvenil, o curso de Pedagogia tem uma optativa Formação do Leitor: literatura em espaços escolares. (EMA, 2016).

A disciplina *Formação do Leitor: literatura em espaços escolares* não aparece na estrutura curricular disponível no site da universidade, nem no projeto pedagógico do curso. Fatos como esses nos levaram a manter contato com os departamentos e professores da instituição. Ao analisarmos o programa da referida disciplina, observamos que esta contempla objetivos e conteúdos da literatura, literatura infantil e juvenil, produção literária, biblioteca, formação do leitor, formação do professor e mediadores de leitura de forma consistente, sistemática e pontual.

Analisamos o programa da disciplina *Português: conteúdo e metodologia* da UFES, também ministrada pela professora Ema. Observamos que a literatura se faz presente no planejamento da docente que dedica uma unidade da dis-

ciplina para trabalhar literatura infantil e obras de literatura infantil.

Podemos afirmar que no curso de Pedagogia da UFES existe uma preocupação voltada para o ensino de literatura, porque os conteúdos são contemplados de diferentes formas em outras disciplinas. Os dados sugerem que a disciplina é essencial para os graduandos e devem fazer parte dos conteúdos a serem estudados. É importante frisar que existem divergências quanto à oferta das disciplinas optativas de literatura nas universidades, podendo ser oferecida regularmente, esporadicamente ou apenas constar no programa do curso como veremos.

Em se tratando dos dados relacionados à Universidade Federal da Bahia (UFBA), observamos que as disciplinas Literatura Brasileira XIV (Literatura Infantil) e Literatura Infanto-Juvenil aparecem como disciplinas optativas do curso de Pedagogia, ofertadas pelo Departamento de Letras Vernáculas da UFBA.

Quadro 2 – Disciplinas de Literatura ofertadas no curso de pedagogia da UFBA

72	LET 393 Literatura Brasileira XIV (Literatura Infantil)	68	Letras Vernáculas
73	LET A10 – Introdução aos Estudos Literários	68	Letras Vernáculas
74	LET A17 – Fonética e Fologia da Língua Portuguesa	68	Letras Vernáculas
75	LET A19 – Morfologia da Língua Portuguesa	68	Letras Vernáculas
76	LET B84 – Aquisição da Linguagem	68	Letras Vernáculas
77	LET C37 – Literatura Infanto-Juvenil	68	Letras Vernáculas

Fonte: PPC/UFBA (2012).

Com o intuito de esclarecermos como se dava a oferta das disciplinas optativas no curso de Pedagogia da UFBA, enviamos *e-mail* para a Faculdade de Educação (Faced) solicitando os programas das disciplinas. A faculdade informou que as unidades curriculares pertenciam ao Instituto de Letras. Logo, enviamos *e-mail* para o instituto indicado e um fato nos chamou atenção. Essas disciplinas são ofertadas pelo Departamento de Letras Vernáculas e não são abertas exclusivamente para o curso de pedagogia, conforme informação do chefe de Departamento de Letras Vernáculas.

Essas disciplinas não são ofertadas diretamente a Pedagogia. A Literatura Infanto-Juvenil, por exemplo, é ofertada todos os semestres. As vagas são abertas também para o curso de Pedagogia, mas não exclusivamente. (AURÉLIA, 2014).

Esse dado revela que existe preocupação com a oferta, embora não esteja vinculada, exclusivamente, ao curso de Pedagogia.

Após essa constatação, propusemos-nos a analisar as ementas de disciplinas relacionadas ao ensino de língua materna por considerarmos a aproximação com a literatura, tendo em vista a possibilidade de a literatura ser contemplada nessa disciplina. Seleccionamos três disciplinas no currículo do curso (Quadro 3).

Quadro 3 – Disciplinas da área de linguagem

Disciplina	Ementa	NT	CH
Língua Portuguesa no ensino fundamental	Discussão de tópicos relacionados aos conteúdos da Língua Materna nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental	OB	68
Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa	A Língua Portuguesa como objeto do processo aprendizagem / ensino na Educação Fundamental. Questões teóricas e metodológicas da linguagem oral e escrita; produção e recepção de textos; os sujeitos da educação; as questões sócio-históricas e linguísticas.	OB	68
Linguagem e Educação	Linguagem verbal. A Linguística como ciência da linguagem. Aspectos relativos ao sistema linguístico: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. As relações entre linguagem e ensino da língua oral e escrita. Constituição do sujeito da linguagem e da educação.	OB	68

Legenda:

NT – Natureza

CH – Carga Horária

OB – Obrigatória

Fonte: com base em Saldanha (2016).

Percebemos que as ementas das disciplinas da área de linguagem contemplam as discussões relacionadas aos conteúdos da língua materna, linguagem oral e escrita, sistema linguístico e gramatical,

produção e recepção de textos. O conhecimento da língua é indispensável para a aprendizagem e desenvolvimento do sujeito, visto que oportuniza ao aprendiz inserir-se no mundo da leitura e escrita,

a interpretar e produzir textos e interagir com o mundo letrado. Entretanto, não contempla com clareza o ensino de literatura dentro dessas disciplinas, indicando uma lacuna na formação do pedagogo.

Intrigados com as respostas encontradas durante o percurso realizado, solicitamos os programas das disciplinas, com a finalidade de analisarmos cuidadosamente se existe relação dos conteúdos trabalhados com a literatura. Recebemos o programa da disciplina Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (Quadro 4).

Quadro 4 – Recorte do Programa da disciplina Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa – FAGED/UFBA

Ementa	Estudo teórico-metodológico relativo à Língua portuguesa, objeto do processo de ensino-aprendizagem da Educação Básica, considerando-se os sujeitos nele referidos e as questões sócio-históricas e linguísticas.
Conteúdos	Proporcionar aos sujeitos implicados com a Educação Básica a construção de conhecimentos, a formação de atitudes científicas, investigativas e éticas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, nas áreas de leitura, produção de textos (oral e escrita) e de diversas gramáticas, considerando questões das políticas educacionais, linguísticas e sócio-históricas, para que desenvolvam programas de ensino, na perspectiva do usuário competente da sua língua materna.

Fonte: com base em Saldanha (2016).

A ementa do programa de Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa difere da apresentada no projeto pedagógico do curso; contudo, anuncia os mesmos aspectos referentes ao ensino da língua materna,

aspectos teórico-metodológicos e a linguística. Os conteúdos explicitam a efetivação desses aspectos e confirmam a ausência do ensino de literatura na disciplina.

Entendemos que é preciso refletir sobre o ensino da literatura no curso de Pedagogia considerando a atuação futura de seus graduados. Se existe a necessidade de formar leitor e de um mediador de leitura, é contraditório não oferecermos no curso de graduação de professores, que atuarão nos primeiros anos escolares das crianças, que contarão as primeiras histórias a essas crianças, um ensino que contribua para sua formação teórica e prática para introduzir neoleitores no exercício do direito à literatura.

Considerações finais

Em vista dos argumentos apresentados sobre literatura, seus conceitos e seus atributos, bem como a necessidade da formação de professores leitores e mediadores do texto literário, concluímos que a literatura é um bem cultural e direito que não pode ser negado à sociedade; precisamos repensar a formação do pedagogo com o objetivo de contribuir para a formação de leitores literários na escola.

De acordo com as análises feitas, percebemos que existe demanda e interesse pelo ensino de literatura na graduação de Pedagogia; mesmo assim, esses conhecimentos ainda não foram validados como prioridade. Os caminhos percorridos para sua efetivação

são diversos, dependem do interesse do professor para incluí-los nos seus planos. Ademais, por ser optativa, a oferta pode não se efetivar.

O estudo evidencia que Literatura e Formação de Pedagogos mantêm, até o momento, uma relação precária, sub-reptícia nos meandros da oferta curricular. Alguns procedimentos, ainda que improvisados, indicam que a demanda começa a aparecer e uma aproximação se anuncia. Diante da potência linguística, social, cultural e humanística da literatura, é imprescindível introduzir sua presença nos cursos de Pedagogia como forma de propiciar ao docente, em formação inicial, uma vivência teórica e prática sobre seu ensino, cujo intuito seja de contribuir para sua atuação como futuro mediador de leitura. Acreditamos que um professor que conhece a relevância da literatura para a formação humana e degusta o texto literário estará mais preparado para formar leitores de literatura, sobretudo para aqueles que estão fazendo o rito de passagem para a cultura letrada.

Literature and Pedagogue formation: routes that (still) do not intersect

Abstract

This article presents an investigation on the teaching of literature in Pedagogy Courses in Brazil. It takes as corpus the Pedagogic Projects, the Pedagogy Courses Curriculum structures from federal universities. It is

originated from a doctorate research in progress in the Pos-Graduation Programme at the Universidade Federal do Rio Grande do Norte. It adopts a qualitative descriptive approach. It were selected 27 federal universities, one for each county of the federation, and conducted a survey about literature disciplines offered in presential Pedagogy Courses. It considers that literature is fundamental to human formation and essential to pedagogue's training. Initial data indicate the absence of literature in the Courses for the formation of the pedagogue.

Keywords: Literature. Human formation. Pedagogue.

Referências

- AMARILHA, Marly (Org.). *Educação e leitura: trajetórias de sentidos*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2003.
- AMARILHA, Marly (Org.). Repertório de leitura: autoridade para transgredir na formação do leitor. In: _____. *Educação e leitura: redes de sentidos*. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.
- AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- AMARILHA, Marly. *Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola*. São Paulo: Ed. da Física, 2013.
- AZEVEDO, Ricardo. *Formação de leitores e razões para a literatura*. 2004. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

- CANDAU, Vera Maria (Coord.). *Somos todos iguais?* Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 88-103.
- ISER, Wolfgang. *The act of reading: a theory of aesthetic response*. Baltimore/London: The John Hopkins University Press, 1991.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 51-62.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. O grande passeio. In: _____. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida Severina: auto de natal pernambucano. In: MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. 34. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Tradução José Paulo Paes, Augusto dos Campos. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 47. ed. São Paulo: Record, 1981.
- SARTRE, Jean Paul. *Que é a literatura?* Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2006.
- SOUSA, Eliane Ferreira. *Direito à Educação: requisito para o desenvolvimento do país*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. O professor leitor. In: SANTOS, Fabiano dos (Org.). *Mediação de leitura: discussão e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- TRIVINOS, Augusto N. Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2015.
- YUNES, Eliana. A provocação que a literatura faz ao leitor. In: AMARILHA, Marly (Org.). *Educação e leitura: redes de sentidos*. Brasília, DF: Líber Livro, 2010.